

## MONIÇÕES - IV DOMINGO DA QUARESMA C 2010

---

### Saudação

P- No caminho para a Páscoa, a Igreja canta e celebra a sua alegria. Há festa em casa do Pai. Ao passo lento do filho que regressa, corre veloz a misericórdia do Pai que o abraça. Vai à frente o perdão, quando vem longe o arrependimento. Há festa em casa do Pai. Aos filhos escravizados pela desordem ou pelo dever, oferece-se o rosto de um Pai enlouquecido de amor. O resto da parábola, já sabemos e até de cor. Não é bem a história do filho pródigo, mas a parábola do Pai clemente. No centro está o Pai, Deixemo-nos abraçar e transformar pela sua misericórdia:

**Kyrie:** (cantado / ou:)

- Senhor, que vindes ao nosso encontro, pelos caminhos por onde nos perdemos, Senhor, tende piedade de nós!
- Cristo, que nos renovais e recriais pela força do vosso amor, Cristo, tende piedade de nós!
- Senhor, que nos reconciliastes com o Pai, Senhor, tende piedade de nós!

### **Prefácio e Oração Eucarística da Reconciliação II**

**Pai-Nosso:** Com o perdão, o filho mais novo recuperou a comodidade. Mas o pai recuperou o coração. Deus é assim...

**Final:** Esta é a semana para vestir, revestir e investir na alegria! Vestir os nus. Visitar os enfermos. Perdoar as injúrias. Suportar com paciência as fraquezas do próximo. Eis o apaixonante programa da compaixão, para esta semana do Pai!

## HOMILIA NO IV DOMINGO DA QUARESMA C 2010

---

I. Um Pai tinha dois filhos... Esta não é a parábola de um filho bom e de outro mau. Bom é só o Pai. É a parábola do Pai misericordioso. É afinal o Pai o verdadeiro pródigo. Ele, sim, esbanja e excede-se, na abundância da festa, na profusão do amor!

Ouvimos esta parábola, como se fora a nossa própria história. A maioria de nós, é quase certo, ter-se-á fixado *na figura do filho mais novo*, o filho que busca fora o que está dentro, que mendiga na cidade o que lhe sobra em casa, que rompe os laços do amor familiar, para se deixar atar ao nó cego da sua insatisfação. Até cair em si e se decidir, a um tímido regresso!

Mas a parábola, se bem se lembram, foi contada, de propósito e a propósito dos *«fariseus e escribas que murmuravam entre si, dizendo: este homem acolhe os pecadores e come com eles»*. Eles estão desenhados na figura do filho mais velho, com o seu olhar distante, frio e sombrio. Trata-se de um estranho dentro de casa. Um ressentido, que cumpre a lei, mas não conhece a alegria; tem mais perfil de empregado, do que coração de filho. Não conhece o coração do pai, vê apenas nele a imagem de um patrão!

II. Por mim, deixai que vos diga. Já me revii, muitas vezes, na figura do filho pródigo e já me sentei, outras tantas, no lugar distante do filho mais velho. É altura de descobirmos agora que esta parábola não nos quer pintados em nenhum destes filhos, mas nos deseja convertidos à figura luminosa do Pai. Estamos a poucos dias de celebrar o dia do Pai. De algum modo, o antecipamos, nesta celebração dominical. Por isso, e porque *«Deus é Pai e ninguém é tão Pai como Deus»*, sugiro especialmente a cada pai, que se veja e reveja nesta imagem do pai misericordioso. Quais serão afinal as características principais da paternidade de Deus, que hão-de moldar o nosso coração de pais? Enuncio apenas uma mão cheia delas!

**1º. Trata-se de um pai livre e libertador:** O Pai, de que nos fala a parábola, não usa a autoridade, para forçar à obediência. Retrai-se, para que o filho mais novo exista na liberdade. Abre mesmo espaço para o filho perdulário, e não lhe opõe resistência. Não se impõe, para evitar a fuga do filho mais novo, mas depõe-se para o acolher no seu regresso!

**2. Um pai, animado pela esperança:** O Pai, que Jesus nos revela na parábola, espreita à janela e acompanha, de perto, vendo ao longe, os passos do filho. Permanece firme e fiel ao seu amor, na «*expectativa*» do regresso do Filho. Este Pai não desiste! *Quem anda no amor, não cansa, sem se cansa!* Espera e não desespera. Porque o amor tudo espera, o amor tudo suporta! (I Cor.13,7).

**3. Um Pai, clemente e cheio de compaixão:** O Pai, que Jesus nos revela no seu amor, ama cada filho, independentemente dos seus méritos, defeitos e feitiços. Ama-os porque os gerou... Nada o faz deixar de amar, porque é Amor. Este Pai ama, como somente uma mãe sabe fazê-lo: com um amor que irradia ternura e gratuidade, mais fiel do que qualquer infidelidade humana. Como afirmava São Bernardo, "*Deus não nos ama, porque somos belos, mas faz-nos belos porque nos ama!*"!

**4. Um pai humilde e corajoso:** O pai, de que Jesus é o rosto visível, corre ao encontro do filho mais novo. E perante a recusa do filho mais velho a entrar na alegria, vem cá fora estar e instar com ele! No fundo, era o filho que devia apresentar-se e prostrar-se diante do pai, diríamos nós! A parábola coloca-nos, pois, diante de um pai que não tem medo de perder estatuto e que, ao contrário, o põe em risco. Assim, a autoridade do pai não reside na distância que separa, mas no amor irradiante que aproxima!

**5. Um pai que sofre e se alegra.** Este Pai é o primeiro a sofrer! Mas sofre, não tanto pela ofensa recebida, não tanto pela perda injusta de um filho novato que perdeu a cabeça ou de um filho maduro que perdeu o coração. Ele sofre primeiro, e sofre sobretudo, porque conhece o sofrimento dos filhos, porque padece e se compadece com o filho que estava perdido ou com o filho que não se tinha encontrado! Por isso, tem de alegrar-se e de fazer festa. Porque ao regressar, ou ao entrar na festa, cada filho reencontra a sua dignidade e experimenta a alegria de ser amado! Tudo o que o Pai faz é expressão dessa alegria: as roupas novas, o calçado, o anel, o novilho gordo, a música, as danças, tudo se transforma numa festa excepcional, num hino da alegria!

**III. Queridos irmãos e irmãs:** Compaixão significa sofrer com quem sofre e alegrar-se com quem se alegra! Para esta festa, o Pai convida o filho mais velho, chama os amigos e vizinhos e diz-lhes: «*alegrai-vos comigo!*»! Vou entrar na festa, ou ficarei ainda do lado de fora, com a coração a morrer de frio?!

## HOMILIA NA FESTA DO PAI-NOSSO 2010

1. Todos os meninos gostam de falar do Pai. Todos gostam que alguém diga: «*és a cara do teu Pai*». Jesus gostava imenso de falar do Pai. Conhecia muito bem o seu coração. Tudo o que Jesus fazia era da vontade do Pai. Tudo o que era do Pai era também dele. Quem O via, via o Pai.
2. Muitos estranhavam assim o comportamento tão amoroso de Jesus. Ele amava os mais fracos, os mais pequenos. Ele vivia e convivia com os pecadores. Ele fazia uma grande festa, por alguém que mudava de vida. Então Jesus contou-lhes uma parábola. Uma parábola, é uma história em jeito de comparação. Vós (ou)vistes muito bem.
3. No centro da História está o Pai: um pai único. Ele é Pai e nenhum pai deste mundo é tão Pai, tão amoroso, tão humilde, tão paciente, tão generoso, tão carinhoso como Ele.
4. É um Pai que não se cansa de nos amar. Um Pai que se alegra sempre que voltamos para Ele. Um Pai que gosta de festa, de alegria. Uma alegria, que é maior, depois da dor, que sentiu ao ver o filho mais novo sair e ao ver o mais velho não querer entrar. Ele faz uma Festa, porque a sua alegria é ter os filhos em casa, no seu coração. Ele fica muito feliz, quando nós descobrimos que há na nossa vida um Pai que nos ama primeiro, sem nunca se cansar, nem desistir de nos amar.
5. A este Pai que faz a Festa, nós retribuímos hoje com a Festa do Pai e do Pai-Nosso. O Pai-Nosso é uma bela Oração que Jesus nos ensinou. É como que a «chave» que Jesus nos deu, para entrar na casa ou no coração deste Pai e conversar com Ele.
6. Vamos entregar esta Oração a cada um de Vós. Quando a rezardes, sabeis que Deus vos vê, ao longe e ao perto, e que o seu abraço de

amor, vos dá a maior alegria. Não há maior alegria do que ser amado por este Pai.

7. Esta Semana teremos o dia do Pai. Oxalá pudésseis fazer uma festa em casa, com o vosso Pai. Mesmo se algum Pai não está convosco, rezai por Ele. Se algum *pai se esqueceu de ser pai* e desfigura a imagem deste Pai que Jesus hoje nos mostra, recordai-vos então de que só *“Deus é Pai e ninguém é tão Pai como Ele”!*

## **IV DOMINGO DA QUARESMA C 2010 - ORAÇÃO DOS FIÉIS**

---

P- Confiando no amor misericordioso do Pai, que abre os braços para acolher todos os homens, peçamos por nós e pelo mundo inteiro.

- 1.** Pelo abraço da fé, entre todas as Igrejas cristãs, e pelo abraço da compaixão entre todos os crentes. Oremos irmãos.
- 2.** Pelo abraço da paz e da liberdade, entre todas as nações, povos, raças e culturas. Oremos irmãos.
- 3.** Pelo abraço do perdão entre pais e filhos, e pelo abraço da reconciliação entre irmãos. Oremos irmãos.
- 4.** Pelo abraço de ajuda e da consolação, a todos os que se vêm em necessidade e aflição. Oremos irmãos.
- 5.** Pelo abraço de missão, nesta Igreja da Diocese do Porto, para que se alargue a todos os que estão fora de casa e a ela querem voltar. Oremos irmãos.
- 6.** Pelo nosso abraço universal em Cristo, aberto aos abraços de todos os filhos de Deus. Oremos irmãos.

P- Senhor, escutai a nossa oração, para que vivamos sempre e cada vez mais a alegria da comunhão convosco. Nós vo-Lo pedimos por vosso Filho que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo. R/  
Amem.

---

## **Bênção das Cruzes da Missão 2010 (só na missa das 16h30)**

Monitor / Catequista: Ao meditarmos a parábola do Pai misericordioso, que veste e reveste o seu filho e, no seu regresso a casa, lhe perdoa o desvario, são-nos propostas algumas destas obras de misericórdia: *Vestir os nus. Visitar os enfermos. Perdoar as injúrias. Suportar com paciência as fraquezas do próximo.* Nesta quarta semana, as três cruzes do calvário sinalizam alguns lugares da cura e da recuperação dos doentes: Hospital; Centro de Saúde, e o Centro de Diagnóstico e Tratamento da Cuf. Deste modo, se manifesta a compaixão de Cristo, que curava os doentes (Mt.14,14).

Aproximem-se o representante dos visitantes de doentes, da Pastoral Familiar e dos MEC's. Entregam as cruzes a um representante do Insitituto Cuf e do Hospital Pedro Hispano e a um funcionário do Centro de Saúde. Também os meninos do 3º e 4º ano se associam à nossa via-sacra.

### **Bênção:**

P-

Deus, consolação dos tristes e fortaleza dos fracas,  
que vos reuniu aqui,  
para levardes as Cruzes da Missão 2010,  
e sinalizardes os lugares de cura, como lugares de compaixão,  
vos fortaleça com a sua graça,  
de modo que assistindo com diligente caridade  
a todos os irmãos doentes  
neles sirvais fielmente a Cristo, nosso Senhor,  
que padeceu e se compadeceu de nós,  
e é Deus cm o Pai na unidade do Espírito Santo!

R. Àmen!

## **Antes da despedida: (Dia do Pai)**

P- Estamos muito perto do dia do Pai.

Aos pais, com filhos na Catequese será entregue, pelas mãos dos próprios filhos, uma prenda. Eles receberam-na, na Catequese, para vo-la entregar. Trata-se de uma pequenina garrafa, com uma bebida não alcoólica, a lembrar a Festa que o Pai do céu faz sempre que o filho regressa ao seu coração. Tem uma bela inscrição onde se diz: *“Deus é Pai e ninguém é tão Pai, como Deus».*

Aos pais aqui presentes, e que não têm filhos na Catequese, iremos entregar, agora mesmo, no final desta celebração, a mesma prendinha, que acompanhará o gesto da bênção.

Para isso, isto é, para receber a bênção (este gesto diz respeito a todos) e para receber a prendinha (esta é só para aqueles pais que não têm filhos na Catequese) pedimos então, que no final desta celebração, todos se perfilarem para a bênção do pai.

Se tiverem junto de vós o(s) vosso(s) filho (s), devem trazê-lo(s) convosco.

Passam junto do pároco, que lhes dará essa bênção, e tocam com as mãos a imagem de São José.

### **Bênção:**

P- Deus a quem podemos chamar nosso Pai,  
e de Quem procede toda a paternidade,  
a todos dais a vida, o amor e o perdão sem limites!  
Abençoai estes pais aqui presentes,  
para que, a exemplo de São José,  
sejam para seus filhos as primeiras testemunhas do vosso amor.  
Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,  
que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

**Todos:** Ámen.

## Reflexão com os Pais no dia do Pai

---

(com encenação da parábola do Pai misericordioso)

Um Pai e dois filhos. E não é a parábola de um filho bom e de outro mau. Bom é só o Pai. É a parábola do Pai misericordioso.

### 1. Filho mais novo

Ouvimo-la, como se fora a nossa própria história. A maioria de nós, é quase certo, ter-se-á fixado *na figura do filho mais novo*. O Filho pródigo. O filho que busca fora o que está dentro, que mendiga na cidade o que lhe sobra em casa, que rompe os laços do amor familiar, para se deixar atar ao nó cego da sua insatisfação. E que no vazio da sua fuga, cai em si. Ouvindo ao longe o eco da voz do Pai, na saudade da sua memória, pôs-se a caminho de casa, sem estar seguro da porta aberta. Desconfiando ainda da bondade infinita do Pai, apronta-se a confessar a sua rebelião e dispõe-se a ser tratado *como um dos seus trabalhadores*. Eis o filho, que perdera a cabeça, um penitente que timidamente volta à casa do Pai. Um filho que estava ainda longe de se converter ao amor do Pai.

### 2. Filho mais velho

Mas a parábola, se bem se lembram, vinha a propósito dos *«fariseus e escribas que murmuravam entre si, dizendo: este homem acolhe os pecadores e come com eles»*. É o olhar distante, frio e sombrio do filho mais velho. Um estranho dentro de casa. Um coração de pedra. Um ressentido, que cumpre a lei, mas não conhece a alegria; tão de pé nas suas virtudes, não se dobra à miséria de ninguém. Figura pouco simpática cuja pele nos custaria vestir. Mas não raro, é este filho mais velho quem melhor, na vida, representamos, na impiedade do olhar com que julgamos, no azedume dos sentimentos com que nos relacionamos, na mesquinhez com que apontamos e exigimos dos outros. E, sobretudo quando, em nome de Deus, julgamos sem misericórdia e excluímos sem compaixão. Eis um filho impenitente, que, cheio razão, perdera o coração e fugira à festa. A conversão deste é a mais difícil.

### 3. O Pai

Por mim, deixai que vos diga. Já me revi muitas vezes na bela figura do filho pródigo e já me sentei, outras tantas, no lugar distante do filho mais velho. Agora descobri que esta parábola não nos querará pintado em nenhum destes filhos, mas nos deseja convertidos na figura luminosa do Pai. *«Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso»!* Este é o apelo da parábola a todos: *converter-se na figura do Pai. Converter-se ao amor do Pai.*

**1. A humildade e liberdade do Pai:** Não usa a autoridade para forçar à obediência. Retrai-se para que o filho exista na liberdade. Abre espaço para o Filho e não lhe opõe resistência.

**2. A esperança do Pai:** O Pai permanece firme e fiel ao seu amor, na «expectativa» do regresso do Filho. Não desiste. Permanece à janela sem nunca perder do seu olhar a vida do Filho...Está à janela... E vê o Filho ao longe... O amor não muda com a mudança!

**3. Compaixão e ternura do Pai:** o Pai ama o filho independentemente dos seus méritos, defeitos e feitiço. Ama-o porque é Pai e tem coração de mãe... ama porque o gerou... Nada o faz deixar de amar, porque é Amor. Acolhe sem esperar nada, sem atender às motivações (interesseiras, ambíguas) do regresso.

**4. A coragem do Pai:** Não teme perder «estatuto» ou «dignidade» ao esperar pelo regresso do filho. Abre os braços. Não cria distâncias, mas irradia amor. Na paternidade espiritual há um terrível vazio. Não há lugar para o poder ou para o êxito, para a fama, para a satisfação fácil. Mas esse mesmo vazio é o espaço da liberdade, onde não há nada a perder.

**5. A dor e a alegria do Pai.** Não há misericórdia sem lágrimas. É doloroso o preço da liberdade. E custa ficar à espera. Esta liberdade manifesta-se na disposição de receber qualquer pessoa, a qualquer momento, em qualquer circunstância. O Pai que sofre é o Pai que ama. E sofre primeiramente porque vê o filho sofrer e sofre ainda no seu sofrimento. *«Estava morto e voltou à Vida; estava perdido e reencontrou-se»*. Não é um Pai impassível, asséptico, frio... O Pai que sofre é o Pai que ama e se alegra pelo regresso dAquele que o faz sofrer. O Pai alegra-se porque vê o Filho readquirir a sua dignidade, reencontrar a sua Vida, pela força criadora do seu perdão...

**6. A generosidade do Pai:** Há um desejo de se dar todo e de dar tudo. Generosidade é «gerar», fazer advir, aparecer, gerar outrem...

Reclamemos, para nós, hoje e diante dos nossos filhos, como única autoridade a compaixão, como único juízo a misericórdia, como única palavra o abraço largo e eterno do Pai, como única regra de vida a porta aberta. E não queirais outro papel. Ser pai e mais nada: oferecer aos outros a liberdade de partir e voltar, sem medo da ferida aberta da saudade. E dar sempre as boas vindas com os braços abertos da compaixão. E esperar pelo beijo doce da Paz, pela grande festa da reconciliação.

## Monições - Rádio - IV Quaresma C

---

**Entrada:** Bom Domingo. Este é o Domingo «laetare», domingo da alegria, que faz abrir o roxo ao rosa, a austeridade quaresmal ao prenúncio pascal. Neste Domingo, a Igreja, privilegiando a dimensão penitencial desta Quaresma, proclama a parábola do Pai Clemente e bondoso, rico de misericórdia que restitui à vida aquele que se perdera no pecado. «Estava morto e voltou à vida». É esta «ressurreição» pela reconciliação que dá a este domingo uma vertente de maior vivacidade. Nós transmitimos a celebração da Eucaristia do IV Domingo da Quaresma, a partir da Igreja de... , a que preside o Rev.do pároco... E, por coincidência, na proximidade do dia do Pai e no Domingo da Parábola do Pai misericordioso, celebra-se a festa do Pai Nosso, com as crianças do 2º ano

**Antes da 1ª leitura:** Depois do regresso à terra, é a festa da Páscoa.

**Antes da 2ª leitura:** Reconciliai-vos com Deus. Apelo da Igreja mandatada por Cristo.

**Antes do Evangelho:** Um evangelho dentro do evangelho: uma parábola sabida de cor e com lágrimas... que vai ser encenada por um grupo de adolescentes;

**Depois da Homilia:** Mais uma das características do amor: o amor alegra-se com a verdade.

### Durante a entrega do Pai-Nosso

«O Pai-Nosso é uma oração que nunca deixaremos de meditar e quando não soubermos rezar, basta repetir pouco a pouco, palavra por palavra, o Pai-Nosso.

A estrutura fundamental desta oração comporta três momentos: o primeiro é como a base de uma nascente; o segundo é como um jorro que brota para o alto; o terceiro é o jorro que se espalha irrigando tudo à volta.

1. A nascente exprime-se pela palavra «Pai», e, para quem reza, significa filiação. Se viver como filhos significa viver o baptismo, na oração nós vivemos no máximo o nosso baptismo.

O espírito filial é a raiz de qualquer oração, é a atitude mais importante, porque a vida eterna é a manifestação de ser filho de Deus. Reparai que no Pai Nosso podemos repetir a palavra «Pai» a cada invocação: Pai, venha a nós o teu reino; Pai, seja feita a tua vontade; Pai, perdoa os nossos pecados; Pai, livra-nos das tentações.

2. O segundo momento é constituído pelas invocações que jorram para o alto como um repuxo, que se dirigem a Deus na segunda pessoa: «Venha o teu reino, seja santificado o teu nome». No poder do Espírito Santo, a alma libertada do pecado, baptizada, eleva-se para o Pai.

3. O terceiro momento é o derramamento sobre a terra desta água de nascente espiritual, deste jacto poderoso do Espírito Santo que nos impele para o alto. O derramamento sobre a terra, ou seja, sobre nós, que estamos famintos, que temos necessidade de perdão, que devemos perdoar-nos mutuamente, que somos tentados por sermos débeis e frágeis.

A oração arrasta-nos para a verdade do nosso eu: Senhor, não permitais que eu caia em tentações. Tu vês como sou tentado, como estou cansado, aborrecido, indolente; liberta-me de tudo o que me impede de confiar em ti, de te contemplar e amar como Pai».

(CARLO MARIA MARTINI, *Dicionário Espiritual. Um Guia para a alma*, Gráfica de Coimbra, 124-125)

**Ofertório:** Chegados à terra, os hebreus celebraram a Páscoa com os frutos da terra. Nós colocamos sobre o altar o pão que restaura as forças e o vinho que alegra o coração do Homem, para receber o dom da Vida e da alegria que nos vem de Deus, por Jesus Cristo, seu Filho.

**Comunhão:** As crianças, como se sabe, gostam muito de falar dos seus pais. Acham-nos perfeitos e onnipotentes.

«O meu pai é muito forte! Levou-me aos ombros até ao cimo doma montanha altíssima!», dizia um menino aos seus amigos.

«O meu pai é muito importante - dizia uma menina. Todos o chamam para trabalhar e, às vezes, deve ir para muito longe, porque só ele é capaz de consertar certas máquinas».

«O meu pai é muito rico - gabava-se um terceiro. Comprámos um carro novo que é o mais bonito lá da terra. E também o meu tio veio vê-lo e disse que gostava muito dele, mas que ele não o podia comprar».

A quarta criança não sabia o que dizer e dava voltas à cabeça para encontrar algo de extraordinário que distinguisse o seu pai; efectivamente, ela tinha um pai normal.

Por fim arriscou: «O meu pai é capaz de fazer feliz a minha mãe. Até quando ela está zangada, até quando ela está doente, consegue sempre fazer com que ela sorria». E pareceu-lhe que estava cheia de razão ao considerar o seu pai o melhor de todos.

As crianças, de facto, adivinham o que realmente conta para os seus pais, mesmo quando os pais não o dizem. E assim começam a fazer uma ideia daquilo por que vale a pena viver. Mas às vezes os pais erram e as crianças ficam decepcionadas.

Uma grande ajuda para compreender a vida dão-na os pais que se deixam guiar pelo Espírito de Deus e, por conseguinte, fazem as obras de Deus, como, por exemplo, quando se preocupam com a alegria um do outro. São pais que sabem dizer o Pai-Nosso.

**Despedida:** E a Quaresma segue o seu percurso.

## Homilia no IV Domingo da Quaresma C 2004

1. Difícil de compreender, para a fria cabeça dos fariseus e escribas, a linguagem dos abraços, que é afinal a linguagem mais bela e mais antiga do mundo. E que, por isso, as próprias crianças conhecem, desde o leite materno, sem precisar de escola nem de lições de bíblia, para aprender. Elas sabem que um abraço entre o pai e a mãe, se chama amor. E deste amor nascem e crescem, à medida que se deixam abraçar por ele todos os dias.

2. Jesus fala esta linguagem dos abraços, quando lhes conta a parábola de um grande abraço. De um abraço único e eterno, que vinha de muito longe no tempo, repleto de saudades nossas, um abraço que mergulha no nosso coração e jamais o esqueceremos. O abraço do Pai, que se alegra e faz a festa, e nos toma ao colo, como o Pastor que encontra a sua ovelha perdida (Lc.15,4-7). «*Jesus acolhe os pecadores e come com eles*» (Lc.15,2). E assim nos dá, na terra, aquele abraço, longo que consegue alcançar os céus, o abraço com que Deus, do Céu, abraça a humanidade toda. Deste Amor do Pai, só Jesus, o Filho Único, verdadeiramente sabia e conhecia.

3. Nem o filho mais novo, nem o filho mais velho, sabiam nada deste amor do Pai. O primeiro perde a cabeça, numa terra longínqua (Lc.15,13) e quer regressar a casa para ser tratado pelo Pai, como mais um dos seus trabalhadores (Lc.15,19). O outro, perde o coração, dentro de casa e porta-se, todos os dias, com o Pai, como se fora um simples criado serviçal e obediente, às ordens do seu patrão (Lc.15,29). Nenhum deles sabe ainda o Pai que tem. Um Pai que faz das tripas coração (Lc.15,20). E que por isso, os ama, com entranhas de misericórdia.

4. Jesus estava a dizer *aos seus críticos e murmuradores*, que Deus é um Pai que pensa com o coração e nos ama, «com as entranhas, tal como uma mãe, que precisamente aí, na parte mais frágil do seu corpo humano, gera, alimenta e entrelaça o seu filho. E por isso o Pai cede pela parte mais frágil: as entranhas da sua misericórdia. Deus ama-nos perdidamente. E consegue abraçar-nos mesmo à distância (Lc.15,20), através dos seus olhos de misericórdia. E quando estamos de volta, dá-nos um abraço de alegria, já sem receio da hora em que nos teríamos de separar.

É um abraço tão largo, este abraço de Deus, que envolve a humanidade inteira, sem querer deixar um sequer de fora (II Cor.5,19). Jesus queria que também os fariseus e escribas se deixassem abraçar e entrassem na alegria e na festa de Deus. Sem medo do regresso a casa, porque jamais magoará aquele abraço de reconciliação, onde se recupera a Paz.

5. A parábola não é, pois, a de um filho mau e a de um filho bom. Porque bom é só o Pai (Mc.10,18). E, ainda que, por hábito, gostemos mais de vestir a pele do filho mais novo, ela atinge-nos sobretudo nessa costela do filho mais velho. É para esse lado de nós, que tem um olhar mau, até por Deus ser bom (Mt.20,15), que ela nos atinge. É para esse lado de nós, que não conhece a alegria de Deus, nem reconhece o próximo como irmão, que Jesus nos fala. O Pai sai e insiste à porta do coração do filho mais velho (Lc.15,28) pelo abraço fraterno ao seu irmão. Quem algumas vezes amou e quem ainda sente o amor, sabe que ele é uma alegria onde também palpita a dor. Porque o abraço envolve duas pessoas. Não se pode abraçar sozinho.

6. Esta não é, pois, uma parábola para nos dizer como devemos nos comportar. Ela destina-se sobretudo a dizer-nos como Deus se comporta conosco. Um Deus excessivo que mete a aliança no dedo do Filho e o veste com a túnica primeira, pondo-lhe nos pés um calçado de luxo (Lc.15,22). Um Deus pródigo e extravagante, que não tem mãos a medir, que dá uma grande festa em dia de trabalho. Que mata o vitelo mais gordo e contrata a orquestra para a dança (Lc.15,24-26). Porque só na dança se pode dar o abraço dentro do abraço. E lá tem o lugar reservado para nós, o lugar de filhos. A alegria do céu (Lc.15,7.10) não é para menos.

7. Este abraço do Pai não é de modo a caber-nos, mas a cobrir-nos a cabeça. É a terapia certa, para nos pôr no caminho de regresso a casa e de nos fazer entrar na Terra Prometida (Jos.5,9-12), na região mais próxima do coração de Deus. E aí comer os frutos da reconciliação (Jos.5,11). E celebrar pela primeira vez a Páscoa em casa (Jos.5,10). Viver esta parábola é simplesmente aceitar o abraço de Deus, que nos chama à reconciliação (II Cor.5,19-20), e abraçar a todos, os perdidos dentro e fora de casa, porque todos são filhos e todos são chamados para a festa. Viver esta parábola é multiplicar, em casa e fora de casa, as carícias e os abraços, de paz e de reconciliação, com Deus e com os irmãos. Multiplicá-los e estendê-los, onde mais curtos parecem os braços do pão e do perdão. «*Provai e vede como o Senhor é bom*» (Sal. 34,9).

(Sugestão de leitura: MICHAEL SNUNIT, **Vem e abraça-me**, Vega Editora, Lisboa 2003)

## Homilia no IV Domingo da Quaresma C de 2001

---

1. Sem levar em conta o mal recebido (II Cor.5,19; I Cor.13,5), o Pai dobra-se diante do Filho perdido. Desdobra-se em gestos de ternura. Diria mesmo que “come” o filho mais novo de beijos! A alegria do seu coração paterno, limpo de qualquer ressentimento, sem qualquer espaço para a ofensa, expande-se num ritual de mesa, de alegria e de festa: «vamos fazer um banquete e alegrar-nos, porque este meu Filho, estava morto e voltou à vida, estava perdido e reencontrou-se» (Lc.15,23-24). Para a festa da reconciliação, é chamado também o filho mais velho. Que em vez de estender a mão ao irmão, as fecha em punho, diante do Pai, para reclamar direitos e exhibir medalhas antigas de bom comportamento. Mas o amor do Pai transforma-se em misericórdia, quando é preciso ir além da justiça (cf. D.M.5). Por isso, fiel ao amor que O move e comove, desde as entranhas, este é um Pai que não tem mãos a medir. Desmedido no amor, debruça-se sobre a miséria do filho, para o levantar do chão. Vê-o ao longe, mas não de cima nem por cima. Olha-o de perto, não para o atingir e diminuir, mas para o promover e reabilitar na sua dignidade perdida. Acolhe-o e veste-o de novo, de tal modo que o Filho se sente finalmente reencontrado, em sua própria casa, revestido de novo, na sua dignidade de filho.

2. **A misericórdia** não é, para o Pai, uma esponja que apaga o passado. Nem para o Filho uma amnistia facilitada, pela dispensa de uma qualquer penitência por cumprir. Antes pelo contrário, o gosto amoroso com que o Pai abraça o Filho, num gesto de profundo afecto, provoca nele (no Filho) o desgosto do pecado e põe-no no caminho autêntico da conversão. «Partiu, pois e foi ter com o Pai»(Lc.15,20). A festa que se celebra em casa, não é um baile de máscaras, a fazer de conta que nada aconteceu. Pelo contrário: «a alegria que há na Casa do Pai indica um bem que não foi destruído: o filho, embora pródigo, não deixa realmente de ser filho de seu Pai. Indica ainda um bem reencontrado: no caso do Filho, o regresso à verdade sobre si próprio» (D.M.5). De facto, o mesmo amor de Deus, que “é paciente, benigno, que não se irrita nem leva em conta o mal recebido”, é também o mesmo e divino amor que “não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade” (I Cor.13,5.7).

3. Eis porque não é fácil «**entrar**» nesta «festa da reconciliação». Mesmo sendo uma festa. E desde logo no seio da família. E a prová-lo está a resistência do filho mais velho, que se julga sem pecado e ignora, por isso, a alegria da misericórdia. «Reconciliar-se pode ser problemático quando na origem está uma culpa pessoal». Exige a humildade do filho mais novo. «Se, porém, a culpa é de outro, reconciliar-se pode até ser visto como uma humilhação irracional». Assim o pensou o filho que ficara em casa. «Para dar tal passo», é necessário a um filho

como a outro, ao filho perdulário como ao filho calculista, ao de fora, como ao de casa, «percorrer um caminho interior de **conversão**» (cf. Mensagem do Papa para a Quaresma 2001,n.5).

**4.** Eis porque não seria, de todo, desajustado, preparar a celebração do sacramento da Reconciliação, a partir da «reconciliação em família». Não será, pois, esta parábola também a História da nossa Família? Quantas vezes não está no coração dos filhos «mais novos» a tentação de sair de casa, como se lá fora fosse o Paraíso? Quantas vezes, como o filho mais velho, não vivemos todos debaixo do mesmo tecto, sem nos conhecermos verdadeiramente? E como é difícil ser um Pai assim! Pai que respeita, sofre, espera, acolhe e perdoa! Como é difícil perdoar! Um Pai a um filho, um filho a um Pai, um irmão a outro irmão!

Podíamos, durante estes dias, anotar num papel as dívidas que temos uns para com os outros, em família. O marido perguntar à esposa, a esposa ao marido, os filhos aos pais, os pais aos filhos, os irmãos entre si, «onde falhámos»? De que queremos ou devemos pedir perdão? E, num dia da semana, reunirmo-nos, em família, com essa lista de pecados... diante de nós. Apresentá-la uns aos outros, pedindo perdão. E logo depois lançá-la na fogueira. No fim, trocar um abraço de Paz. Rezar o Pai Nosso de mãos dadas ou, de joelhos, o Acto de Contrição. E porque não terminar «em festa familiar» com um chá e um doce?

Talvez estivéssemos então todos mais preparados para «regressar a esta casa» respondendo ao apelo veemente de São Paulo: «Reconciliai-vos com Deus» (II Cor.5,20).

## Homilia no IV Domingo da Quaresma C 1998

---

Um Pai e dois filhos. E não é a parábola de um filho bom e de outro mau. Bom é só o Pai. É a parábola do Pai misericordioso.

Ouvimo-la, como se fora a nossa própria história. A maioria de nós, é quase certo, ter-se-á fixado *na figura do filho mais novo*. O Filho pródigo. O filho que busca fora o que está dentro, que mendiga na cidade o que lhe sobra em casa, que rompe os laços do amor familiar, para se deixar atar ao nó cego da sua insatisfação. E que no vazio da sua fuga, cai em si. Ouvindo ao longe o eco da voz do Pai, na saudade da sua memória, pôs-se a caminho de casa, sem estar seguro da porta aberta. Desconfiando ainda da bondade infinita do Pai, apronta-se a confessar a sua rebelião e dispõe-se a ser tratado *como um dos seus trabalhadores*. Eis o filho, que perdera a cabeça, um penitente que timidamente volta à casa do Pai. Um filho que estava ainda longe de se converter ao amor do Pai.

Mas a parábola, se bem se lembram, vinha a propósito dos *«fariseus e escribas que murmuravam entre si, dizendo: este homem acolhe os pecadores e come com eles»*. É o olhar distante, frio e sombrio do filho mais velho. Um estranho dentro de casa. Um coração de pedra. Um ressentido, que cumpre a lei, mas não conhece a alegria; tão de pé nas suas virtudes, não se dobra à miséria de ninguém. Figura pouco simpática cuja pele nos custaria vestir. Mas não raro, é este filho mais velho quem melhor, na vida, representamos, na impiedade do olhar com que julgamos, no azedume dos sentimentos com que nos relacionamos, na mesquinhez com que apontamos e exigimos dos outros. E, sobretudo quando, em nome de Deus, julgamos sem misericórdia e excluímos sem compaixão. Eis um filho impenitente, que, cheio razão, perdera o coração e fugira à festa. A conversão deste é a mais difícil.

Por mim, deixai que vos diga. Já me revi muitas vezes na bela figura do filho pródigo e já me sentei, outras tantas, no lugar distante do filho mais velho. Agora descobri que esta parábola não me quererá pintado em nenhum destes filhos, mas me deseja convertido na figura luminosa do Pai. *«Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso»!* Como Padre, esta é a minha vocação. Mas este é o apelo da parábola a todos: *converter-se na figura do Pai. Converter-se ao amor do Pai*.

Reclamo, para mim, hoje e diante de vós, **como única autoridade a compaixão**, como único juízo a misericórdia, como única palavra o abraço largo e eterno do Pai, como única regra de vida a porta aberta. E não queirais outro papel. Ser pai e mais nada: oferecer aos outros a liberdade de partir e voltar, sem medo da ferida

aberta da saudade. E dar sempre as boas vindas com os braços abertos da compaixão. E esperar pelo beijo doce da Paz, pela grande festa da reconciliação. *«Comamos e festejemos, porque este teu irmão estava morto e voltou à Vida»*. Foi assim que começou, em casa, a Páscoa de Deus com os seus filhos. Que ninguém fique à porta, com medo de entrar! Há uma voz que nos chama: *Tu és o Meu Filho*. *«Em nome de Cristo vos pedimos: reconciliai-vos com Deus»*.

## Homília no IV Domingo da Quaresma C 1995

---

Há festa em casa do Pai. Ao passo lento do filho que regressa, corre veloz a misericórdia do Pai que o abraça. Vai à frente o perdão, quando vem longe o arrependimento. Há festa em casa do Pai. Aos filhos escravizados pela desordem ou pelo dever, oferece-se o rosto de um Pai enlouquecido de amor. O resto da parábola, já sabemos e até de cor. Não é bem a história do filho pródigo, mas a parábola do Pai clemente. Um autêntico retrato do Pai, onde se cruza a aventura de um filho perdulário com a mesquinhez de um filho calculista. Um não soube guardar a sua alma, outro não soube dar o seu coração. Ambos entristeceram o Pai: um pela sua desobediência, outro apesar da sua obediência... Mas no centro está o Pai, o seu rosto, o seu retrato. É dEle que nos vamos aproximar-nos para ver o seu amor:

**1. A humildade do Pai:** Não usa a autoridade para forçar à obediência. Retrai-se para que o filho exista na liberdade. Abre espaço para o Filho e não lhe opõe resistência.

**2. A esperança do Pai:** O Pai permanece firme e fiel ao seu amor, na «expectativa» do regresso do Filho. Não desiste. Permanece à janela sem nunca perder do seu olhar a vida do Filho...Está à janela... E vê o Filho ao longe...

**3. Compaixão e ternura do Pai:** Ama o filho independentemente dos seus méritos, defeitos e feito. Ama-o porque é Pai e tem coração de mãe...ama porque o gerou...Nada o faz deixar de amar, porque é Amor.

**4. A coragem do Pai:** Não teme perder «estatuto» ou «dignidade» ao esperar pelo regresso do filho. Abre os braços. Não cria distancias, mas irradia amor.

**5. A dor e alegria do Pai:** O Pai que sofre é o Pai que ama. E sofre primeiramente porque vê o filho sofrer e sofre ainda no seu sofrimento. «*Estava morto e voltou à Vida; estava perdido e reencontrou-se*». Não é um Pai impassível, asséptico, frio... O Pai que sofre é o Pai que ama e se alegra pelo regresso dAquele que o faz sofrer. O Pai alegra-se porque vê o Filho readquirir a sua dignidade, reencontrar a sua Vida, pela força criadora do seu perdão...

Diante deste Pai está cada um de nós. E na parábola só nos resta ficar no papel de filhos. No mais novo que perdeu a cabeça ou no mais velho que perdeu o coração? Ou nos dois? Não nos resta alternativa, pois não há um terceiro filho...

O que nos vale é o Pai. Ele espera pelo nosso regresso, para celebrar connosco a Páscoa da reconciliação, a festa do reencontro, e dizer a cada um: «*Estavas morto*

*e voltaste à vida... Ressuscitastes nas lágrimas da Penitência, tu que recebestes nas águas do baptismo a dignidade de filho meu.»!* Quando a graça de Deus encontra a porta fechada, entra até pela janela. E Ele, o Pai, aí está à janela!...Porque esperais? *«Nós vos pedimos em nome de Cristo: «reconciliai-vos com Deus».* E haverá festa nesta Casa!

**I. Leitura: Que diz o texto? (Lc.15,1-32)**

a) **A quem se dirige a parábola?** Aos fariseus e aos doutores da Lei que murmuravam entre si, dizendo: «*Este acolhe os pecadores e come com eles*» (Lc.15,1). Dirige-se portanto e agora a nós. Ou a esse lado de nós, que nos leva a olhar os outros de lado e a não querer ver Deus tal qual Ele é e se revela.

b) **Qual dos filhos**, na parábola, representa esta atitude dos fariseus e escribas, incapazes de aceitar e compreender a misericórdia de Jesus? É precisamente o «*filho mais velho*».

c) **Onde se perde o filho mais novo?** Fora de casa, numa região longínqua (Lc.15,13), como a ovelha que se perde no deserto (Lc.15,4) e que alguém “procura até encontrar”, como se não houvesse mais nenhuma!

d) **Onde se perde o filho mais velho?** Em casa, como «a moeda», que uma mulher perdeu e procura, varrendo toda a casa (Lc.15,8), não desistindo, até a encontrar.

e) **Como se perde o filho mais novo?** Pedindo a herança ao pai (Lc.1,12) e esbanjando-a (Lc.1.13) sem deixar nada a salvo. Ao pedir a herança ao pai, ele «*mata o pai*» e «*morre como filho*». Chega depois à penúria, porque seca a fonte da dádiva (o Pai). “Bem desejava ele encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava” (Lc.15,16). O filho, desligado do Pai, chega a querer ser alimentado como um animal, que fica satisfeito só por encher a barriga.

f) **Como se perde o filho mais velho?** Ele irrita-se com a atitude do Pai e recusa receber o irmão, a quem se refere, diante do pai, como «esse teu filho» (Lc.15,30). Repare-se que o filho mais velho, apesar de estar em casa, se comporta como empregado e não como um Filho. Ele próprio diz: «Há tantos anos que te sirvo e nunca transgredi uma ordem tua»... Ele vê o Pai como um patrão: serve-o e cumpre as suas ordens... pelo que se julga merecedor de um prêmio pelo seus esforços. Era assim que viam Deus os escribas e fariseus.

g) Mas notemos que também o filho mais novo pensa regressar, não já como filho, mas como simples empregado (Lc.15,21). Prepara um discurso nessa linha, mas quando chega, o Pai interrompe-o na confissão, precisamente quando ele se prepara para dizer: «trata-me com um dos teus trabalhadores». Afinal nenhum deles conhecia o amor e a misericórdia do Pai. Como nenhum de nós.

h) **A figura mais importante, na parábola, é o Pai.** E é à misericórdia do Pai, que Jesus realmente nos quer converter. O Pai «viu-o ao longe». Porque o Pai está atento. Estava à espera. E quando o viu compadeceu-se isto é, “moveram-se-lhe as entranhas”. A palavra «misericórdia» em hebraico tem a mesma raiz da palavra «vísceras» ou ‘entranhas’. O Pai cede pela parte mais frágil: as entranhas da sua misericórdia. De facto, as vísceras representam a parte mais frágil do Homem. palavra «misericórdia» em hebraico tem a mesma raiz da palavra «vísceras» ou ‘entranhas’. Quando a mulher está grávida, ela sente duas vidas no mesmo lugar. A sua e a do filho. A misericórdia, neste sentido, não é ter pena de alguém que se vê aqui ou ali. É sentir nas entranhas a dor do outro, de tal modo que essa dor mexe comigo. De tal modo que aquela vida é a minha vida.

A parábola acentua **o excesso e a extravagância**, a pressa e a alegria do Pai em fazer a festa. Põe-lhe o primeiro vestido, dá-lhe o anel de filho, calça-o com sapatos de luxo, dá uma grande festa em casa, num dia de trabalho. A alegria do céu não é para menos! Por isso, mais do que um cabrito, o Pai manda matar o vitelo mais gordo. Convida uma grande orquestra, que anima a festa e a dança. A razão é muito simples: o filho estava morto e voltou à vida. Estava perdido e foi encontrado. Era preciso que um e outro ocupassem o seu lugar na festa: o lugar de filhos. Estaremos ainda ressentidos, teimosos, resistentes a entrar na onda desta festa?

## **II. Meditação: Que me diz o texto? Onde me encontro?**

A parábola não vem tanto dizer-nos como nos devemos comportar. Ela é sobretudo «evangelho», boa nova, que nos diz em primeiro lugar como Deus se comporta connosco. Importa que nos convertamos ao Pai, no Pai... A Parábola destina-se a tornar-nos mais sensíveis. Partindo da certeza profunda de que Deus é Pai será mais fácil passarmos a olhar os outros como irmãos.

## **III. Oração: Que digo ao Senhor, que me fala neste texto?**

Senhor, tem piedade de mim! Como se disséssemos: “Senhor, faz-nos graça. Criar-nos e recria-nos. Como uma mãe que embala o seu filho nos braços”...

## **IV. Acção:**

Levar a bondade e a gratuidade do amor de Deus ao mundo. É a grande dívida do cristianismo. Acariciar. Abraçar. Estar mais tempo com os outros. Celebração da Reconciliação: em família e em Igreja.

“Este Deus humilde que impõe limites a si mesmo para que sua criatura exista na liberdade, é também o pai que fica na janela, esperando o retorno do filho. Isso se pode deduzir do verso 20, na narrativa do filho pródigo: "Quando ainda estava longe, o pai o viu e, comovido, correu ao seu encontro". Tal como sugere o advérbio *makrán*, do texto grego, que indica distância, há muito tempo o pai voltava seu olhar para o horizonte, à espera do desejado retorno do filho. Esta postura que a parábola deixa entrever com discrição e pudor poderia chamar-se *esperança de Deus*. Na verdade, "esperança" é o outro nome que poderia ser dado para a humildade. Se, pois, ser humilde significa fazer espaço para que o outro exista, a esperança nada mais seria do que o projectar-se em direcção ao outro, desejando que este, numa resposta livre e gratuita de amor, seja ele mesmo. O Deus cristão, portanto, aparece como o Deus desta esperança; não somente na linha do Deus da promessa, fundamento e garantia de toda esperança humana, mas também no sentido que Ele, no desejo, é um Deus que sabe esperar e festejar o retorno de sua criatura. O que consente falar desta esperança e desta humildade do Deus cristão é a postura que impulsiona o comovido pai quando corre ao encontro do filho *que* retorna (*esplanchnísthe*, diz o texto grego). Esta palavra evoca o hebraico "rachamim", termo que, literalmente, quer dizer "*viscere materno*": Deus amou com o amor visceral de uma mãe, não em relação ao mérito da sua criatura, mas simplesmente porque a sua criatura existe (confira as estupendas testemunhas de Isaías 49,14-16 e do Salmo 131). A terceira característica do pai da parábola 6, portanto, o *amor materno*, amor com o qual ele respeitou, em profundidade, a liberdade do filho e com o qual continua a amá-lo, para além da recusa do filho. Deus ama como somente uma mãe sabe fazê-lo: com um amor que irradia ternura e gratuidade, mais fiel do que qualquer infidelidade humana. Como o afirmava São Bernardo, "*Deus não nos ama porque somos bons e lindos, mas faz-nos belos porque nos ama*". O pai do qual estamos falando corre ao encontro do filho. Esta postura era escandalosa para a mentalidade semítica, pois o pai sempre devia ter uma postura solene e hierática. No fundo, era o filho que devia apresentar-se e prostrar-se diante do pai. O contrário, ou seja, que o pai se dirigisse ao filho e, como o diz a parábola, que o pai corresse ao encontro do filho e o abraçasse, seria inconcebível. A parábola coloca-nos, pois, diante de um pai que não tem medo de perder a própria dignidade e que, ao contrário, a põe em risco. Assim, a autoridade do pai não reside na distância que os separa, mas no amor irradiante que o Pai manifesta. Poderíamos definir esta quarta característica como *a coragem do amor* de Deus. É a coragem de desrespeitar as seguranças aparentes e de viver a verdadeira segurança: aquela do amor maior, do não-amor, sempre direccionada para o outro, superando, assim, as distâncias protectoras que nossa incapacidade de amar muitas vezes nos circundam.

**A quinta característica do Deus de Jesus** pode ser deduzida daquilo que o pai da parábola sente na chegada do filho: a alegria. Tudo o que ele faz é expressão da alegria: as roupas novas, o calçado, o anel, o novilho gordo; tudo se transforma numa festa excepcional. É a festa que se faz no céu por um único pecador arrependido, e não pelos noventa e nove justos que não têm necessidade de conversão. É a alegria de Deus! Um Deus que se sabe feliz, mas depois do sofrimento. Se em Deus existe uma nova alegria, também existe nele o mistério do sofrimento, que a precede e que trai as origens compassivas do amor visceral de pai. Tudo isso evidencia a última característica do Deus de Jesus, revelada através de tudo o que até aqui foi dito: **o mistério de seu sofrimento**. O pai da parábola não representa um Deus impassível ou frio espectador dos sofrimentos do mundo, mas um Deus capaz de sofrer, por amor à sua criatura. Na narrativa, no verso 24 e repetida no verso 32, existe uma afirmação importantíssima que indica o motivo da alegria e da dor de Deus, assim expressa: "*Este meu filho estava morto e tornou à vida, estava perdido e foi encontrado*". O primeiro motivo da dor é que o filho "*estava morto*"; tinha se destruído a si mesmo. O segundo motivo - "*estava perdido*" – liga-se ao facto de que o filho se tinha distanciado do pai. Aqui, parece que Deus é o primeiro a sofrer, justamente porque sua criatura sofre. Em primeiro lugar não está, portanto, a dor de seu coração, mas a dor do outro: Deus sofre do sofrimento do amor. O Deus aristotélico, motor imóvel, não pode sofrer. Não é este o Deus bíblico; este sofre porque ama, porque se envolve com as vicissitudes humanas e, por amor às suas criaturas, aceita ser pobre. O Deus bíblico não permanece estranho à dor humana, nem se faz prisioneiro de um divino egoísmo, mas sabe participar da história do homem. Existe, pois, um mistério de sofrimento em Deus: um sofrimento activo, livre na generosidade do amor, que nada tem a ver com a dor passiva, sofrida pelo facto de não se poder evitá-la. Todo o poder que a parábola deixa entrever revela o mistério deste sofrimento amoroso, escondido nas profundezas do coração do Pai, o Deus de Jesus".

Bruno Forte, Seguindo a Ti, Luz da Vida, 44-46